

ELVIRA VIGNA

Como se estivéssemos em palimpsesto de putas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Elvira Vigna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Clara Diament

Arlete Sousa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vigna, Elvira

Como se estivéssemos em palimpsesto de putas / Elvira Vigna. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2739-9

1. Ficção brasileira I. Título.

16-03170

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

COMO SE ESTIVÉSSEMOS
EM PALIMPSESTO DE PUTAS

Está escuro e tenho frio nas pernas. No entanto, é verão. Outra vez. Deve ser psicológico. Perna psicológica.

Faço hora, o que pode ser dito de muitos outros momentos da minha vida.

Mas nessa hora que faço, vou contar uma história que não sei bem como é. Não vivi, não vi. Mal ouvi. Mas acho que foi assim mesmo.

(E posso dizer a mesma coisa de outras histórias, dessas que às vezes conto.)

Lola e João.

Acaba de acabar.

Então é isso. Verão outra vez, Rio de Janeiro outra vez, e vou começar.

Pelo casamento.

O casamento.

É o começo mais fácil que consigo arranjar.

Aquele negócio de sempre. Tule, glacê.

E muita emoção aqui para o fotógrafo.

Depois, o que resta é um álbum, a prova tipográfica do convite, uma bala de coco no papel de seda dentro de uma gaveta qualquer. Parece que não tem problema, açúcar é conservante. Dura cem anos sem estragar.

Não durou.

Lola abre a gaveta, olha por uma última vez assim de cima, sem pegar. Aí pega e leva, com a mão mesmo, sem se preocupar em botar tudo num saco, em arranjar algo que cubra aquilo tudo. Pudores, discrição. Não. Pega tudo, tudinho, solto mesmo, e joga na lixeira do prédio. Solto, lá, em queda livre, uuuuuuu, até lá embaixo, suicídios individuais embora no coletivo. De propósito.

Para misturar com casca de laranja, jornal do xixi do cachorro e ninguém ver. Ninguém nunca mais ver.

Antes foi o noivado.

João tem, na época do noivado, um topete com fixador. Isso está documentado. O resto não está documentado. Sei porque me contou. Não tudo. Bem pouco, na verdade. Mas vejo.

Ele, na janela de um ônibus que passa a toda, a janela fechada para não desmanchar o topete. E o risinho disfarçado de quem está completamente feliz. Disfarçado por causa dos outros, claro.

O ônibus corre, João ri. A pressa que dá nos motoristas quando acaba o congestionamento. A pressa que dá em João quando acaba a hesitação.

Então tem o topete. E tem uma ardência na junção das pernas, na dobra dos braços.

“Tu desce no primeiro ponto depois do túnel.”

O túnel é muito mais do que túnel de carro, é túnel de mundo.

Tudo brilha na rua depois do túnel e João quase assume a vontade de não entrar. As pessoas, as cores, o barulho, mas a porta ali na frente, exigente. Então entra.

Vazio.

Cara de habituê, uma mesa da qual logo se arrepende, outra muito melhor depois, mas não dá para ficar levantando, trocando de mesa.

No entanto levanta. A bebida é pega no balcão, ele não sabia.

E aí, só para não dar o braço a torcer, volta para a mesma mesa, a ruim, a primeira.

Fica lá.

Não está bom.

Tenta não ficar olhando as coisas, parecer que nunca viu. Então não vê. A garota já podia estar em algum lugar, atrás de alguma coisa, ainda em forma de personagem de história em quadrinhos. Ou pode ter entrado pela porta mesmo, depois dele.

“Você vem muito aqui?”

Duas possibilidades.

A primeira:

“Tio, vou a uma boate de garota de programa em Copacabana e preciso de dinheiro.”

E aguentar, até o tio morrer, dez anos depois, o olho esbugalhado fixo nele, o sorriso cheio de uma saliva presa por cada vez menos dentes. E a mão magra, de dedos que se encompridam, crescem, é visível isso, todos os domingos após o almoço, chamando, prendendo João:

“Conta, conta.”

E a segunda.

“Você vem muito aqui?”

“Venho. Tou sempre aqui. Mas hoje não vinha. Nem trouxe muito dinheiro.”

Aí baixa um filme de fantasia urbana. Se fosse hoje, com muita computação gráfica. João e a garota se reconhecem como ex-aliados de lutas anteriores. Combateram contra o fim do universo, o lá deles, outras vezes.

Sai fumaça do ar-condicionado e isso quer dizer alguma coisa.

A bebida fica azul de repente, como num livro que eles leram, e isso quer dizer alguma coisa.

Ou a garota e João ajeitam o cabelo ao mesmo tempo e isso quer dizer alguma coisa.

Se reconhecem. Se reconhecem em sua forma atual. Sem as antenas.

Riem juntos.

Ou, vistos do lado de fora, são dois idiotas inviáveis que se encontram e nem por coincidência, mas porque são muitos e, por simples estatística, se encontram.

“Nem trouxe muito dinheiro.”

“Não faz mal.”

A primeira garota de programa da vida de João não cobrou.

Os detalhes.

João salta do Olaria-Copacabana e vai para a Barbarella de onde sai com uma garota de programa que pode não ser uma garota de programa profissional, ele acha. Ela vai com ele para o Fredimio Trotta, que é um edifício de paredes azulejadas logo ali. O Fredimio tem doze andares, cada andar com doze conjugados. Sua entrada é por uma galeria ligando a Prado Júnior à Princesa Isabel. Para entrar no edifício a pessoa passa por três portas gradeadas e três porteiros só acessíveis por berros através das grades que os protegem. Embaixo do edifício há vários bares e boates de garotas de programa e o clima às vezes é meio barra-pesada. São quatro elevadores, mas um sempre está com a placa Em Conservação. Mentira. Não tem conservação alguma. É para economizar energia porque ninguém no edifício aperta um elevador e espera. Apertam todos. Mesmo porque os elevadores demoram muito a chegar.

João e a garota passam pelos três porteiros e sobem até o terceiro andar.

O conjugado da garota é perto dos elevadores.

Entram no conjugado.

Há uma luz de TV para lá do armário. O armário divide o ambiente em dois. Do lado de cá é a sala. Do lado de lá, o quarto. Há luz de TV e há som de TV.

A garota berra por cima do som da TV:

“Tou com um amigo aqui.”

Código de:

“Não venham na sala.”

João e a garota começam a tirar uma parte da roupa. O mínimo. O que não dá para não tirar. Se encaixam no chão com todo o cuidado para manter cabeças, pernas (as deles e das cadeiras) e cotovelos em seus lugares preestabelecidos, evitando assim os ruídos do inesperado.

Uis e uuuurs.

Os uis oriundos de batidas e maus jeitos, os urs de arrastos dos móveis no chão de ladrilho, uis e uuuurs iguais.

Usam o espacinho que vai da porta de entrada até a mesa. E o batente da quitinete à esquerda. Cabem.

É rápida, a coisa.

Seria rápida de qualquer maneira. João tem problemas em fazer com que dure. Não que me tenha dito. Eu é que acho.

A garota está decepcionada. Ou então ela é assim mesmo, meio deprimida.

João acha.

Na ida até lá, a garota diz que mora com uns parentes, que ela não é do Rio. Veio estudar e trabalha no comércio durante o dia.

Deve ser tudo verdade.

Menos a parte de que mora com uns parentes.

Isso é truque.

O truque da tv ligada.

A tv ligada é mecanismo de segurança.

A garota sai para a boate e não sabe quem trará para o apartamento. Berra a frase-padrão sempre que entra. Quer dar a impressão de que tem alguém lá dentro. Não tem.

Veio estudar há muitos anos e há muitos anos não estuda. Primeiro estágio desse processo: matrícula trancada. Segundo estágio: matrícula cancelada. Terceiro estágio: abandono de curso. O quarto estágio é a frase-chiclete martelando na cabeça: “Um dia retomo.”

Depois, nem a frase. E a mochila vai sendo aos poucos usada para tudo, menos livros.

Pode ser que tenha um emprego mal pago durante o dia. Pode ser que o programa à noite seja só para completar o orçamento. Pode ser que considere o arranjo temporário.

Então, sai.

E vai para a melhor boate das redondezas. Não fica nas que estão no térreo do Fredimio e que são sujas e barulhentas e barra-pesada. Vai para a melhor boate que dá para ir a pé, e que é a Barbarella.

Ela gosta dela mesma.

Ela gosta dela mesma de um jeito assim meio triste. Passa creme no corpo depois do banho, passa bem devagar, aproveita para se fazer um carinho.

João não lembra de ter visto negociações entre a garota e alguém da boate. O que depois ele vai saber não ser possível. As garotas sempre dão uma parte do que ganham para alguém da boate em troca da permissão de ficar por lá.

Então pode mesmo ser que a garota do Fredimio não seja uma garota de programa profissional.

João não sabe.

Também acha estranha a minha ideia de que ela gosta dela mesma.

João não sabe de muitas coisas.

João me conta sobre a garota do Fredimio e as outras e, ao terminar, às vezes fala:

“Porque tem dessas coisas, sabe.”

Nunca consegui dizer que coisas eram essas. Mas balanço a cabeça, concordando com ele mesmo.

Também balanço a cabeça.

Concordo com o que ele não diz.

Concordo que há coisas que podem ser encontradas nos programas com garotas de programa. Essas coisas, então, que ele acha que existem e que quer encontrar, são o motivo de ele perder o olhar na janela fechada do escritório em Botafogo. Um lugar onde eu e ele ficamos nos fins de tarde, onde ele me conta o que conta, tantas vezes, e que é um lugar que não é dele nem nunca será. Nem meu. Nós dois lá, iguais, perdidos, iguais. Tantas vezes.

A garota, perdida, igual.

Acho que a garota, essa do Fredimio, vai à Barbarella todas as noites, a pé, com os olhos no ar de quem gosta dela mesma de um jeito meio triste.

Quem sabe ela irá conhecer alguém diferente nessa noite.

Então, se arruma e vai. Não fica nas boates mais vagabundas, com homens piores, e que são as boates do Fredimio.

Vai.

Encontra João. Ele tem um topete. Ele não tem dinheiro. Ele tem os olhos esbugalhados de quem acha esse mundo muito estranho.

Ela acredita nele, quando ele diz que não tem dinheiro. Ela também acredita que esse mundo é muito estranho.

Ele, por sua vez, acredita que ela é uma garota especial e não uma profissional fria e calculista. Como prova disso, ressalta ele para ele mesmo, há o fato de que ela topa trepar sem fazer questão do dinheiro.

Tanto um quanto outro viveriam a seguinte situação, sem hesitar um segundo, achando tudo normal:

Um deles:

“Agora vamos ficar bem juntinhos embaixo desse orelhão que não é um orelhão, mas um teletransportador que nos levará num raio luminoso para um mundo melhor.”

O outro:

“Sim! Sim!”

Fatos.

João põe a cueca, sobe a calça. A garota se arruma. A cena tem a luz da TV unindo-os no mesmo cinza irreal (a TV é em preto e branco nessa época). A cena tem também o som da TV unindo-os em uma língua também irreal, o inglês que ambos desconhecem.

Não são mais alienígenas, que é como eles se sentem todos os dias. São locais. E assustados. Tudo em volta deles é que é de outro mundo. Desconhecido.

João compra uma camisinha, antes.

Um dia antes.

Em uma farmácia longe de casa.

Já imaginou?

“Oi, João. O que vai ser?”

“Uma camisinha tamanho médio, por favor. Duas! Duas!”

Então, a cena é ele e a garota, ambos em cinza. O som ambiente é uma língua irreal, a luz idem. E num cantinho do chão tem um objeto molhado que deve ser muito importante. Porque João primeiro deixa aquilo por ali, guardado no cantinho, por ser importante e secreto. Mas depois se arrepende e pega de volta.

A garota se apressa em buscar a toalha de papel da quitinete. João enrola a camisinha. Não vê lata de lixo por perto, fica segurando. A garota estende a mão para pegar, ele diz que não precisa.

“Eu joga no lixo da rua.”

Riem um para o outro, encabulados.

A garota abre a porta do apartamento sem fazer barulho, se encosta no batente. João aperta o botão de todos os elevadores. Ficam esperando. Um tempão. Os elevadores demoram muito a chegar. Devem vir de alguma estação orbital no último andar, o quinquagésimo oitavo da torre de vidro e aço, muito longe de onde João está, que é no terceiro andar do Fredimio, segurando bem apertado uma camisinha usada enrolada numa folha de toalha de papel.

João e a garota, os únicos sobreviventes de uma vida extinta, possível há milênios e não mais, se sentem muito próximos, como só sobreviventes se sentem.

Estão fisicamente próximos, inclusive, ali no batente.

João sabe que é vital para a salvação do mundo que ele dê alguma coisa à garota.

Chega mesmo a fazer um movimento brusco com a mão livre, a que não segura a camisinha usada, em direção à carteira no bolso de trás. O que tiver lá é dela, decide.

Mas interrompe o gesto.

São doze apartamentos, doze olhos mágicos. Certo, onze. A garota pode se sentir mal de os vizinhos perceberem uma transação de dinheiro no corredor tão comprido que some em uma névoa esverdeada.

João tem também uma bala de hortelã. Tinha duas, uma ele meteu na boca a dois passos da Barbarella. Mas dar uma bala de hortelã para a garota parece música da MPB e ele tem horror da MPB.

João tem também o caniveteinho suíço do chaveiro.

(Teve esse caniveteinho a vida toda.)

Mas João adora o caniveteinho.

O elevador não chega.

Aí é um desses momentos. João beija a garota. Beijão.

Segura ela atrás do pescoço e beija. Beijão real. Sentido. Como de cinema. Depois se olham olhos nos olhos. A garota sorri. Ela gostou.

O elevador chega.

Sorriem mais um para o outro e somem para todo o sempre.

Rodrigo é viado. Um coração, e uma flecha que indica que o coração é todo da Arlete. E é proibido fumar.

É outro elevador, diferente do da chegada. No da chegada, Rodrigo também era viado, mas diferente um pouco. E em vez de coração, tinha um Cu com C em maiúscula e com acento no U, um erro gramatical de todas as épocas.

Mas também anda, esse, embora igualmente devagar.

E chega.

No térreo, o mundo-aquele, o que já existia. Esse. Três porteiros invisíveis abrem as três portas com três estalidos de metal, agora em tom decrescente. Bim, bom, bum. A galeria. A rua.

Cores, pessoas, buzinas. João ainda fica parado, olhando em torno, como que perdido, ou melhor, perdido mesmo, antes de ir para o ponto do ônibus.

Incrível um edifício ter três porteiros em três portas de metal trancadas, para deixar entrar uma garota de programa e seu acompanhante desconhecido sem problema algum.

E que depois sai, também sem problema algum.

Ele acha isso um absurdo.

Lola acha legal.

Ela gosta dessas noites em que João vai estudar com colegas da faculdade. Não diz, mas gosta. Dá para ficar com creme no corpo por bastante tempo, quase sem se mover, antes de pôr a camisola. Precisa. Cloro faz mal à pele.

Vai acabar, esse problema. Iria de qualquer modo. Nado sincronizado tem limite de idade. Mas, antes mesmo de o limite de idade ser problema, há outro: a equipe de Lola é juvenil e não admite atletas casadas.

“Vai terminar o ensino médio antes!”

Voz grossa, entonação peremptória. Peremptória, a palavra que define o protagonista da peça O Bom Pai.

Já qualquer pai que fosse medianamente bom lutaria por uma faculdade e por um pouco mais de idade. Mas são quatro mulheres, Lola é a segunda. Menos uma.

De noite, na sua caminha, camisola já vestida e luz apagada, Lola olha o teto. À sua direita, outra caminha, vazia, a da mais velha. A que divide o quarto com ela, a que briga por qualquer coisa, a que tem mais espaço no armário. E que é também a que sai às sextas e sábados.

“Vai onde?”

“Sair.”

“Onde?”

“Ai, pai, não enche.”

A que tem peito grande.

Lola olha o teto. Uns ensaios com João no banheiro quando estão sozinhos na casa não indicam nada muito promissor, mas Lola acha que depois melhora.

Todo mundo diz que depois melhora.

Depois não melhora.

O que fica na minha cabeça não é João nem Lola.

É a garota do Fredimio.

Acho que a garota continua a fazer o que faz com João (levar o cara para um apartamento vazio onde trepa porque trepa, sem cobrar) ainda por muitos anos. Não sempre. Não com todos. Mas de vez em quando.

Volta de um trabalho mal pago, toma um banho demorado, põe uma roupinha que ela acha legal e vai, os saltos altos mal equilibrados nos buracos do calçamento da Prado Júnior. Pega um cara. Vai para o hotel puteiro que tem ao lado, na Princesa Isabel. Recebe o dinheiro.

E, de vez em quando, leva o cara para o apartamento dela no Fredimio. Faz isso sempre que o cara parece ser daqueles que ficam embaixo de orelhões, encostados em muros, sentados em cantos de sarjeta, esperando raios luminosos que passam em direção a um mundo melhor. Faz isso por vários anos.

Às vezes treina sozinha, no espelho.

“Tou com um amigo aqui.”

Fala alto, o que ela mesma acha estranho, a voz dela, ali, no apartamento em que não se escuta a voz de ninguém ao vivo. Ninguém que não esteja na tv.

Repete, dessa vez em tom menor:

“Tou com um amigo aqui.”

Tem medo de que, com a repetição a cada cara que entra, a frase saia com a entonação errada e o cara perceba que é men-

tira. Que ela é só uma boba que diz isso assim, para o ar, quando entra no apartamento, porque tem um pouco de medo, tantas histórias. Que a frase é só para que ele, o cara, não faça nada de muito estúpido porque tem gente logo ali depois do armário, gente para protegê-la.

Um tio. Uma amiga. Um dobermann muito feroz viciado em televisão.

“Isca!”

E ele mata qualquer um.

Nunca acontece nada de muito ruim com a garota.

Com o tempo, traz cada vez menos caras para o apartamento. Encontra cada vez menos caras parecendo ser do jeito certo, com o olhar perdido que é o certo. Às vezes fica na dúvida, ainda sentada na mesa da boate, hesitando, e resolve que não.

Aí, quando volta já de madrugada para o apartamento vazio, a TV inútil ligada com o mesmo som igual, sempre igual, sempre, ela toma outro banho, come uma coisa, escova os dentes e vai deitar. E fica olhando a luz preto e branco se mexendo, presa na tela, e que é a única luz. Aí, aos poucos, o mundo surge. Esse mundo, esse daqui, o que não é bom. O colorido. O da janela.

E ela se levanta.

Muita cor.

Também bem fácil, essa parte.

O mesmo negócio de sempre.

Tudo combina, nessas casas novas de recém-casados. Tudo é do bom. Pior: há uma noção de que existe um tudo, uma totalidade, e que esse tudo está dentro da casa nova. Isso é o mais engraçado. Ou triste.

É João quem fez questão.

Lola senta no sofá novo da sala nova, um ar meio perplexo.

Cortinas, tapetes, toalhinhas. Vasos de cristal, ganhos de presente, em cima das toalhinhas que, por sua vez, estão em cima de móveis. Sim, em cima dos tapetes.

Dentro dos armários, conjuntos completos de pratos: raso, de sopa, travessas, sobremesa. Talheres também completos: faca grande, faca pequena, garfo grande, garfo pequeno, colher grande, colher pequena, colher muito pequena, colher muito grande. E a de salada, que é enorme. E os copos. Tudo completo. Uma completude. Tudo absolutamente completo. Não falta nada na casa.

Compraram um quadro. O quadro é uma composição geométrica em cores que se modificam aos poucos. Não representa nada, é só isso mesmo, uma coisa geométrica, previsível, colorida. Escolha de João.

Lola nunca pensou que alguém comprasse um quadro. Quadro é coisa que se emoldura quando se gosta de uma imagem.

Lola fica sentada no sofá. Estofado.

“Mas e se sujar?”

“Existe estofador pra isso mesmo, pra reestofar sofá.”

Ela não tem muito que fazer.

Depois de muitos meses no sofá, João iniciando suas viagens pela firma, ela fala, o coração aos pulos, que está com vontade de fazer um cursinho de corretagem de imóveis. Soube de um.

João ri.

“Corretora?!”

Ela baixa os olhos, cora.

“Não sei se vou gostar.”

Vai adorar.

Como dizer que fica vendo as casas, os apartamentos dos

amigos e conhecidos, e isso desde criança, sempre pensando como seria se, como ficaria bom com. E que aqui poderia isso, ali aquilo. E como seria viver nessa rua, acolá, naquela. Em qualquer lugar que não fosse o lugar onde ela mora.

Então, achou, mais valeria vender para outros viverem o que ela imaginava que podia ser vivido e que ela não vivia.

João concordou. Não que soubesse de tudo isso, que era isso. Que Lola era assim.

Mas, sim, claro, uma coisa para ela fazer. Olharia menos para a cara dele quando ele chegasse em casa, do trabalho ou das viagens, como se esperando algo que ele não tinha ideia do que fosse, os olhos seguindo colados nele.

Lola começa o curso de corretagem de imóveis.

Nos telefonemas com João, conta pouco, avara. Só dela, o bom. Só para ela, esse bom. São quase mentiras:

“Ah, meio chato, hoje. A parte da legalização, sabe.”

E, no silêncio do não dito, a felicidade em sair para o curso, o professor, os colegas, o café e as risadas depois da aula.

“E você? Que tal Brasília?”

“Ainda não saí do hotel. Deve ser chata também.”

Brasília não pode ser tão chata.

João desliga o telefone e sai do hotel.

Começa a ter esse hábito. Liga para Lola quando chega.

“Tudo bem?”

Tudo sempre bem.

“Boa noite, então.”

E sai.

Em Brasília demora mais a ligar. Já chegou faz um tempo. Mas olha o céu da cidade. Um céu que resiste a deixar o sol ir

embora, prende o sol em bolhas cafajestes de rosa, amarelo. João acha que o céu tem razão. A noite deve ser chatíssima em Brasília.

Então, fica sentado na colcha da cama, olhando a janela e o estacionamento que é o que dá para ver da janela e onde tem um poste de iluminação que parece que cai.

Não cai. São as nuvens que passam. Mas se a pessoa olha as nuvens como se elas estivessem imóveis, quem se move é poste. Para trás, caindo.

Até que some. Somem.

Outras luzes. As dos carros, de outros postes, dos edifícios muito longe.

Então, vencido, telefona.

“Tudo bem?”

Estava tudo bem.

E ele sai.

É o Saint Paul.

Há esse hall feito para faraós. O faraó, seus auxiliares, escravos, esposas, ministros e mais as bagagens. É enorme.

João torna a atravessar o hall que já havia atravessado na chegada. Dessa vez em direção à porta, ao escuro, ao fora, ao sem ninguém da cidade. Não sabe onde ir. Não tem a quem perguntar. Não conhece quase ninguém ainda, na firma. E mesmo se conhecesse. Até prefere assim, sem perguntar, sem iniciar papinhos. Só vai.

Não tem calçada. Vai tentando um caminho de terra, matinhos que margeiam a avenida. Nem avenida. Um campo minado onde as minas são os carros.

Nem tantos.

Hiperdimensionadas, as avenidas. Como os halls. Mas há um sinal, de trânsito ou nave espacial, o verde-amarelo-vermelho alternando ao longe na escuridão, e é para lá que João vai.

Porque o cara da recepção disse que do lado de lá é a quadra

comercial. E comercial soa bom, na falta de maiores especificidades.

Anda, anda. Espera, espera. Atravessa.

Não tem mais o topete.

Tentou bigode por uns tempos. Ficou igual ao pai da Lola. Depois foi um cavanhaque, mas informaram discretamente que a firma não via pelos faciais com bons olhos.

Raspa.

Mas curte uns pelos. Outros.

Vai ter pelos.

Mas antes, um bauru e uma mini-saia.

Depois será como barraca de feira livre. Mamão, peixe, olha a banana. Acampamento militar, botas do lado de fora.

Uma armação de cilindros de alumínio com um plástico azul, grosso, jogado por cima e preso com cordinhas nas pontas.

Mas isso é lá dentro e depois.

Antes tem um bauru e a mini-saia. Mais de uma.

É como se escreve, na época.

Hoje seria minissaia, mas é long-neck.

Daria um estudo sociolinguístico. A vitória fake do feminismo a impedir que a cerveja gordinha e baixinha seja chamada de minissaia. E a long-neck a indicar caracterização mais elegante, modiglianesca, embora com algo de abelhuda, de quem inclina seu longo pescoço para além do espaço previamente demarcado do feminino. Porque o espaço continua sendo previamente demarcado.